



Viciados no *marvado* do enter

Dê um google: quantas tarefas o Google já faz por você? Bem-vindo ao mundo dos dependentes desta diabólica ferramenta onipresente da era contemporânea

Dei-me conta recentemente de que, afinal e ao cabo, nunca fui viciada em nada. Nada sério, ao menos. Chocolate, sapatos e ir a supermercados em qualquer cidade que eu visite (*no meu ranking, os piores supermercados estão em Cuba e os melhores em Dallas*) não devem ser considerados vícios sérios uma vez que não representam um caminho sem volta. Eu volto pra casa com eles e deles de bem com a vida. Também nunca fui de frequentar clubes, times ou religiões. Como Nelson Rodrigues, acho unanimidade mais do que burra, acho-a assustadora.

Sabe andarilha independentemente? Eu me sentia mais ou menos assim até...

... até tornar-me totalmente dependente do Google. Percebi que pelo menos 78% das tarefas que empreendo utilizam em alguma etapa as ferramentas deste site buscador. Porcentagens, inclusive. E ainda e-mails, informações, trajetos, cartas em hebraico, endereços, agenda, dicionário, relacionamento, resultado de loterias, metereologia, notícias, e vai por aí...

Feira eu ainda faço sem ele, mas não sei até quando.

À mercê da tecnologia

Nesta semana fiquei sabendo que o grupo vai também entrar no mercado de fornecimento de livros via internet para concorrer com a Amazon e Apple. Mais um percentual que ele vai engolir da minha vida.

Enfim, tornei-me uma viciada. Estou - eu, você, você e você também - totalmente à mercê desta tecnologia. E mal notamos isto. O google, assim com letra minúscula, tornou-se substantivo em todos os idiomas e, há quem jure, passou a ser uma seita em lugares do baixo Mississipi, (*dei um google aqui pra saber que regiões exatamente são banhadas pelo baixo Mississipi: faça o mesmo*). As relações humanas estão tomadas por essa força maior e onipresente. Se no começo era o Verbo, já temos as conjugações para essa nova era: eu gugo, tu gugas, ele guga...

Isso não é ruim, claro que não. É fantástico ter acesso à informação de maneira tão natural como usar creme dental para escovar os dentes. Mas pensando bem, uma tecnologia que se enfronha em tudo pode ser diabolicamente insidiosa como o alcoolismo: a gente só se dá conta de que o álcool comanda nossa vida quando

“

Você vai perceber que é totalmente dependente do Google quando num jantar se vir no banheiro checando a partir do seu iPhone o ano em que o técnico Claudio Coutinho (dei um google, foi no dia 27 de novembro de 1981) pra fazer bonito na conversa

nenhum amigo mais nos chama para o churrasco da turma.

Um embuste

Assim tem sido com o Google - você vai perceber que é totalmente dependente dele quando num jantar se vir no banheiro checando a partir de seu iPhone, o ano em que o técnico Claudio Coutinho morreu (dei um google, e foi no dia 27 de novembro de 1981), pra fazer bonito na conversa.

Nunca mais fui a mesma depois do Google - hoje aparento ser muito mais inteligente. Para alguém que se formou jornalista numa época em que para saber uma data vasculhávamos livros e arquivos nos departamentos de documentação dos veículos onde trabalhávamos, o Google é algo que nem nos nos-

sos sonhos mais alucinantes seríamos capazes de conceber.

Desde que notei essa dependência, me atormento com o dia em que descobrirão que sou um embuste (*meus filhos já acham isso desde a adolescência*). Pra que guardar na memória, se eu posso procurar no Google? Assim, vou relaxando. Conto com os passos largos da tecnologia que me darão acesso ao buscador em qualquer ponto da crosta terrestre. Na gôndola do supermercado, nos óculos e na bolacha do chope. O papo de boteco entrou numa dividida? Lá estará o *marvado* a um toque para manter as relações estáveis entre os amigos. Precisa filosofar em alemão? O google há de criar uma ferramenta que resolverá o problema nos próximos cinco anos.

Chris Ratcliffe/Bloomberg



Campinas-Bogotá

Já me adiantaram que na próxima novela do Manoel Carlos os depoimentos serão sobre a dependência do Google. O rapaz com lágrimas nos olhos dará seu testemunho: "*Comecei dando uns tapinhas no enter. Era só de vez em quando. Eu não poderia suspeitar que ali era o começo da minha jornada para o inferno: o google foi a porta de entrada para outros vícios*".

O que dizer de uma amiga que começou digitando a palavra "jogos" na busca, se envolveu com um cara da Colômbia e destruiu seu lar? Você está se perguntando como ela teria se metido com o narcotráfico. Nada. Não foi com o *narcotráfico* colombiano - foi só com um *colombiano* de Bogotá. Com ele, a Matilde (nome fictício) passava as madrugadas jogando bridge pelo site de jogos que encontrou no Google - resultado: o marido que achava ter encontrado o melhor dos mundos vendo a esposa jogar sem sair de casa, levou uma bela bolada nas costas. Acabou a vida do marido e dos dois filhos de 14 e 16 anos, que agora fazem ponte aérea Campinas-Bogotá três vezes ao ano.

O fato é que para o bem e para o mal, o site buscador se enreda em todas as relações de sua vida. Estou vivendo um drama familiar neste momento criado a partir do *marvado*. Tenho muitas irmãs e, portanto, muitos cunhados. Recentemente um sobrinho decidiu criar um grupo para a família no Google, uma espécie de intranet que facilita um bocado a comunicação entre todos do clã. Inicialmente achei que seria muito bom marcar festas do Dia das Mães, Páscoa e reuniões familiares incluindo do mais velho ao mais novo membro da família. O fato é que coisa tomou proporções tutsunâmicas. Agora, a cada cinco minutos uma piada (*daquelas infames, contadas à exaustão pelos últimos 20 anos*) a qual éramos submetidos somente à mesa de domingo, passou a pipocar no meu computador. É todo dia, o dia todo. E aí vêm e vão os comentários, as adições, exemplos, complementos, gozações, anexos com fotos comprometedoras... DE CADA. UM. DOS 30. MEMBROS. DA FAMÍLIA!

Gente, não há laço de parentesco que aguarde dois Natais no mesmo ano, que dirá piadas de fanho todo dia. Esse Google ainda vai receber processo por perdas e danos... ■